

A ARTE POÉTICA DE RONSARD

Carlos Roberto Ludwig©

RESUMO: ©

Este trabalho pretende descrever e analisar a **Arte Poética** de Pierre de Ronsard, bem como estabelecer relações com outras poéticas clássicas, além de detectar possíveis temáticas recorrentes na poesia ronsardiana. Procura-se verificar até que ponto as artes poéticas lograram avaliar e descrever o comportamento da poesia dos séculos XVI e XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Poética, Ronsard, Renascença

INTRODUÇÃO

O poeta francês Pierre de Ronsard (1524-1585) dedicou-se à poesia e à prescrição poética. Como poeta, escreveu odes, elegias, canções e sonetos. Sua poesia esteve sempre associada à temática amorosa ornada por mitos greco-latinos. Como autor de prescrição poética, concebeu e escreveu sua **Arte Poética**, obra cujos preceitos e observações sobre a poesia almejam iniciar os futuros poetas na arte da poesia.

A **Arte Poética** de Ronsard (**Abbrégé de L'Art Poétique François**) veio a público num estágio quase final de sua produção poética, em 1565. Foi antecédida por muitas outras criações do poeta, sobretudo pela sua obra lírica. Antes dela foram publicados, entre outras obras, **Les Quatre Premiers Livres des Odes** (1550), **Les Amours, Ensemble le cinquième (Livre) des Odes** (1554), **Les Hymnes** (1555) e **Les Œuvres** (1560).

Consiste em um breviário preceptivo sobre o exercício de criação poética, concentrado, especificamente, nas formas

e temas da poesia francesa. Insere-se no contexto mais amplo das poéticas renascentistas e neo-clássicas de língua francesa, entre as quais convém mencionar **L'Art Poétique François** (1548) de Thomas Sébillet, **La Deffence et Illustration de la Langue Française** (1549) de Du Bellay e **L'art Poétique** (1674) de Boileau, (CARPEAUX, 1961). Essas poéticas preocupavam-se em descrever e prescrever, a exemplo das poéticas clássicas de Aristóteles e Horácio, a forma e os bons instrumentos que regem a poesia.

No corpo geral da obra de Pierre de Ronsard, a **Arte Poética** é um produto posterior, pertencente ao período final de suas produções. Esse dado, longe de ser uma mera observação acerca da datação de suas obras, revela um fato atípico em relação às poéticas preceptivas do período: essa obra é o resultado da reflexão feita pelo próprio Ronsard a partir dos exemplos proporcionados ao longo de sua produção poética. Isso implica em parte que a **Arte Poética** ronsardiana é moldada mais pela experiência poética que pelo racionalismo clássico das poéticas contemporâneas. Ronsard, ao escrever a **Arte Poética**, vem de uma longa experiência com poesia. Ele já é, então, um dos mais admirados poetas franceses responsável pela renovação do lirismo amoroso. A **Arte Poética** é obra da experiência, portanto, de um poeta, experiência que, unida à sólida educação clássica da escola da *Pléiade*, permitiu-lhe, nessa sua única obra teórica, tanto repetir como transcender os parâmetros da tradição poética da Renascença.

A **Poética** de Ronsard apresenta informações precisas e válidas originadas, em grande parte, da experiência do poeta, ainda que sua exposição se faça, pelo

menos estilisticamente, no interior de certas linhas gerais típicas das “poéticas” desde Aristóteles. Ronsard afirma, não sem certo orgulho, que

Por mais que a arte de Poesia não se possa nem compreender, nem ensinar por meio de preceitos, por ser mais mental que tradicional, mesmo assim, tanto quanto o artifício humano, a experiência e o labor o possam permitir, eu quis te apresentar algumas regras, a fim de que um dia possas estar entre os primeiros no conhecimento de um ofício tão agradável, a exemplo de mim que confesso ser em tais coisas assaz experimentado.ⁱ (1978: 995-996)

A exemplo das poéticas clássicas, como as de Aristóteles, Longino e Horácio, e as do século XVI (Thomas Sébillet e Joachim Du Bellay), a **Arte Poética** de Ronsard possui evidentes traços preceptivos. Mas não se trata de uma obra apenas preocupada com o regramento da poesia. Conforme suas próprias afirmações, é possível ensinar alguns instrumentos úteis para se escrever poesia, mas não tudo o que envolve esta arte. Desse modo, revela plena consciência de que a poesia não é apenas um exercício técnico, mas também produto do talento do poeta.

1 A intuição, a moralidade do poeta e a técnica de poesia

Ao iniciar sua **Arte Poética**, Ronsard apresenta alguns elementos pertinentes ao ato de escrever. A poesia é um dom próprio que não pode ser ensinada em seus detalhes, já que ocorre numa esfera “mais mental que tradicional” (995: 1978). Embora seja possível demonstrar os preceitos e artifícios que dependem da experiência e do labor, Ronsard afirma que criar boa poesia não é um ato meramente formal.

Desse modo, há uma tensão implícita na **Arte Poética** de Ronsard. O autor sistematiza suas prescrições poéticas basicamente em duas concepções opostas:

uma divina e outra técnica. A concepção divina refere-se principalmente ao caráter do poeta. Envolve sua conduta moral. O poeta deve ser fiel aos deuses, às deusas e às Musas, bem como a seus contemporâneos. Somente assim terá como recompensa o “dom” da poesia, dádiva concedida pelas potestades divinas.

Quanto à concepção técnica apresentada por Ronsard, diz respeito aos elementos lingüísticos e técnicos pertinentes à poesia. São elementos formais como a disposição, a elocução, a rima, o verso, as omissões de vogais e consoantes e outros descritos na seqüência. Esses elementos formais caracterizam-se pelo racionalismo na poesia, ao contrário da concepção divina ou ética do poeta. Ao se reportar aos elementos técnicos da poesia, Ronsard não nega a importância desses elementos. Demonstra que são indispensáveis à escritura poética, assim como o bom caráter do poeta. Sobrepe, contudo, à técnica da poesia a necessidade de uma conduta humana que respeite às deidades que proporcionam o dom de escrever poesia.

O poeta, antes de tudo, deve ter bom caráter. Para que seja digno de poesia, tenha qualidades ao escrever e seja “aceito” pelas Musas, necessita de uma alma cujo caráter seja bom e elevado. Impossível para Ronsard conceber um poeta desvencilhado do caráter ético. Esse caráter implica o respeito não só aos deuses, mas também aos poetas anteriores e contemporâneos.

Esse antiformalismo detectável nas afirmações de Ronsard parece ressoar também na exigência de que o poeta tenha uma conduta moral. A dimensão ética do poeta é indissociável com a dimensão estética e formal. A conduta moral não está voltada obrigatoriamente ao humano, mas tem como principal objeto os próprios “deuses” que beneficiam a criação poéticaⁱⁱ.

A moralidade do poeta também se constitui pelas leituras e conhecimentos acumulados pelo poeta. Ronsard aconselha que seu interlocutor tenha sempre em mente, sobretudo, “conceitos elevados, grandiosos, belos” e que leia bons textos clássicos pois desses surge a invenção “que vem tanto da boa natureza quanto da lição de bons e antigos autores.” (1978: 996). O próprio Ronsard afirma-o continuamente, como é o caso em **Quatre premiers livres des Odes**,

Des mon enface j'ai toujours estimé
l'étude des bonnes lettres l'heureuse
félicité de la vie... Donques desirant
par elle m'approprier quelque
louïonage [...] et ne voiant en nos
Poëtes François chose que fust
suffisante d'imiter, j'allai avoir les
étrangers (LAUMONIER, 1909: XXIII).

Embora a menção ao caráter do poeta possa parecer, no contexto da poética ronsardiana, uma afirmação *non sequitur*, explica-se como uma espécie de sacerdócio pelo qual o poeta se imbuí profunda e amorosamente das figuras dos deuses, das musas e outras entidades divinas. A postura ética está voltada aos deuses que favorecem a poesia. Amá-los e respeitá-los não é apenas uma postura desvinculada do fazer poético, mas manifesta-se como a própria preparação do poeta que se abandona aos seus temas e motivos. O empreendimento de uma grande obra é indissociável da virtude intrínseca do poeta e de seu temor a Deus. O princípio da poesia, a virtude e a invenção vêm de Deus, assim como de outros deuses e deusas, como Apolo, as Musas, Mercúrio, Palas, Vênus. Tanto a perfeição da poesia como a boa natureza humana são frutos do divino.

Essa dimensão “ética” com a qual o poeta está comprometido parece reaparecer na distinção que Ronsard faz entre *poetas divinos* e *poetas humanos*. Dentre os *poetas divinos*, menciona Eumolpo Cecropiano, Lino, Orfeu, Homero e Hesíodo, não só por terem

inventado a poesia e possuírem um espírito elevado, mas principalmente por manterem diálogo com profetas, oráculos, adivinhos, Sibilas e intérpretes de sonhos. Pairando acima desses *poetas divinos* estão as Musas, que devem ser reverenciadas por terem ensinado aos homens rudes, por meio de fábulas agradáveis e coloridas, os segredos que não poderiam compreender.

Já entre os *poetas ditos humanos* ou, ainda, na expressão de Ronsard, “os *poetas segundos*”, destacam-se os romanos, afeitos mais ao artifício e ao labor do que os *poetas divinos*, privados das qualidades divinas. Aos *poetas humanos* resta apenas o trabalho e o artifício da poesia, os quais devem estar investidos de bom caráter.

2 Principais preceitos

Ronsard apresenta em sua **Arte Poética** preceitos técnicos e morais indispensáveis à poesia. Os pontos, as normas e os preceitos que regem a produção poética, segundo Ronsard, são ressaltados pelas noções de *invenção* (*l'invention*), *disposição* (*la disposition*), *comparações* (*les comparaisons*) e *elocução* (*l'elocution*), somadas a alguns aspectos específicos da poesia, como a rima e o emprego de vogais, os versos alexandrinos e os versos comuns e, sobretudo, algumas questões sobre a escolha e o uso da linguagem. Ele não se limita apenas a sublinhar, entretanto, aspectos puramente formais, mas antes introduz a dimensão moral como fundamental para o bom poetar. O exemplo dos antigos é igualmente assinalado: que se leiam os antigos *poetas gregos e latinos* como Homero, Horácio, Safo, Alceu, sem cuja influência benfazeja é impossível escrever boa poesia.

3 A invenção

Entre os principais preceitos estabelecidos por Ronsard encontra-se a invenção. Ela se apresenta conforme princípios clássicos das poéticas antigas.

Ronsard conceitua a invenção, afirmando que

A invenção não é outra coisa senão o bom natural de uma imaginação concebendo as idéias e as formas de todas as coisas que se possam imaginar, tanto celestes quanto terrestres, animadas ou inanimadas, para depois representá-las, escrevê-las e imitá-las; pois, assim como a meta do orador é persuadir, a do poeta é imitar, inventar e representar as coisas que são ou que possam ser verossímeis. (1978: 999)ⁱⁱⁱ

Assim, Ronsard também propõe ao poeta limites à invenção da poesia. A poesia deve ser imaginativa, não com invenções fantásticas e monstruosas, mas deve ser bela e grandiosa, bem ordenada e disposta, resultado da invenção, da disposição e da elocução associadas. O “bom natural” destacado pelo poeta relaciona-se tanto à importância da moralidade do poeta ressaltada por Ronsard como aos princípios cultivados desde a Antigüidade Clássica até os poetas contemporâneos.

A **Arte Poética** reflete igualmente sobre alguns princípios aristotélicos. Entre eles, Ronsard ressalta a imitação e verossimilhança. Assim define como função do poeta imitar, inventar e representar, e do orador, convencer, repetindo a prescrição de Aristóteles na **Poética**: “Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; [...] a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos quais podiam acontecer” (1985: 28). Ronsard, contudo, vai além: reatualiza e expande alguns princípios em sua **Poética**, como de que a tarefa do poeta é não somente “imitar [...] as coisas que são ou que possam ser verossímeis” (1978: 999), mas também inventá-las e representá-las. Ele semeia esses preceitos intentando lograr o florescimento de uma poesia que se iguale aos grandes poetas gregos e latinos, como Homero, Horácio, Safo, Alceu e Petrarca. O que Ronsard propõe é reatualizar a memória sobre esses

preceitos estudados previamente pelo leitor. Ele se coloca como intermediador e, sobretudo, ratificador desses princípios da poética clássica.

4 A disposição

Ronsard conceitua a *disposição* e a subordina à invenção, assim como subordina a invenção ao bom caráter do poeta. O poeta afirma que

Da mesma forma que a invenção depende de uma gentil natureza de espírito, assim também a disposição depende da bela invenção, a qual consiste em uma elegante e perfeita colocação e ordem das coisas inventadas, e não permite que aquilo que pertence a um lugar seja posto em outro, mas se governando por artifício, estudo e labor, agencia e ordena com destreza todas as coisas no seu lugar.^{iv} (1978: 999)

A *disposição* é formulada, assim, em termos morais e técnicos pelo poeta. Como princípio moral, afirma que a disposição está subjugada à invenção e, assim também, depende da “gentil natureza de espírito”. Desse modo, a disposição apresenta-se diretamente associada à moralidade do poeta. É necessário que a boa natureza de espírito faça parte do caráter do poeta, ou pelo menos seja almejada por ele. Enquanto aspecto técnico, apresenta-se como um traço estilístico da poesia, exigindo que o poeta disponha as coisas narradas ou cantadas numa “elegante e perfeita colocação e ordem das coisas inventadas”.

5 Comparações

Nesse sentido, ele também afirma que o poeta deve construir belas comparações para enriquecer a obra e torná-la mais agradável. Ronsard explica e compara:

pois, assim como não se pode afirmar que o corpo humano é belo, agradável e perfeito, se não estiver composto de

sangue, veias, artérias e tendões, e sobretudo uma coloração natural, assim também a Poesia não pode ser agradável, viva nem perfeita sem belas invenções, descrições, comparações, que são os nervos e a vida do livro, o qual quer forçar o séculos para permanecer, até onde a memória alcançar, vitorioso sobre os tempos.^v (1978: 998)

Como exemplo de comparações na poesia de Ronsard encontra-se no poema III. O arqueiro poema III, do **Premier Livre des Amours**, certamente representa o amor, ao qual foram atribuídas características desse ofício. Essa comparação revela, assim como Eros, um amor guerreiro e dominador, com flechas que incendeiam, mas ao mesmo tempo doces ao sujeito dominado, revelando uma figuração ambígua do amor.

6 A elocução

Ronsard também teoriza a *elocução*, um dos pontos da retórica clássica:

Elocução não é outra coisa senão uma propriedade e um esplendor de palavras bem escolhidas e ordenadas de graves e curtas sentenças que fazem reluzir os versos como as pedras preciosas bem encastoadas nos dedos de algum grande senhor. Por elocução compreende-se a eleição das palavras, que Virgílio e Horácio tão cuidadosamente observaram.^{vi} (1978: 1000)

Ronsard preocupa-se em trilhar um caminho seguro para o poeta atingir, com firmeza, a excelência poética. Ressalta a eleição das palavras, pois não basta apenas inventar fábulas agradáveis ao leitor ou ao ouvinte, mas as palavras devem ser escolhidas a fim de deleitar o público. Observa ainda as comparações e as descrições que devem ser adotadas na poesia, sugerindo, como modelo de perfeição, os poetas clássicos. Essas figuras de linguagem são indispensáveis à poesia, uma vez que um bom poema não se constitui apenas de palavras, mas também

de imagens provenientes de boas comparações e descrições.

7 Aspectos da linguagem

Ronsard apresenta alguns preceitos para o emprego da linguagem poética. Entre estes preceitos ressalta a eleição das palavras, o uso de termos de dialetos e outras línguas, o emprego de nomes gregos e latinos e o devido uso dos epítetos. Assim, procura ampliar os recursos lingüísticos usados na poesia. O poeta seleciona aspectos da linguagem que possam aperfeiçoar a poesia, porém ressalta o devido cuidado no emprego desses recursos.

No tocante à escolha ou à eleição das palavras, Ronsard tem plena consciência de que não basta apenas suprir o significado, conforme as expressões ou palavras apropriadas (*propres*, RONSARD, 1978: 998). A necessidade da dimensão expressiva aparece no termo *signifians* (1978: 998) que denota algo da ordem, do peculiar e do particular, incluído nas palavras. Não é por acaso que Ronsard, após mencionar essas duas dimensões das palavras, a significativa e a expressiva, lembre-se do uso muito comum no século XVI dos dialetos do francês como o normando, o gascão, ricos em expressões rugosas, modos de falar regionais de grande expressividade. Ronsard demonstra respeito e interesse poético pela multiplicidade lingüística, bem como pelos empréstimos e pelas adaptações necessárias de uma palavra de uma língua para outra. Nessa esfera, Ronsard mostrou-se hábil e muito empenhado em preencher as necessidades expressivas e significativas na poesia. Também não receou em adaptar e criar novos vocábulos em sua produção poética, como *Glueux*, *Grenad*, *Tais*. Prova disso é o seu longo léxico acumulado em sua obra, o que por vezes deixou a poesia de Ronsard à mercê da crítica de sua época^{vii}.

Essa postura frente aos dialetos e à multiplicidade lingüística opõe-se às assumidas posteriormente no século XVII. Nesse período, haverá um predomínio dos regramentos da sociedade de corte que não aceita e que desvaloriza os diversos falares regionais que foram muito honrados e valorizados anteriormente (ELIAS, 1974). Um poeta do século XVII que buscasse obter os prestígios e favores de um "mecenas" cortesão, estava obrigado a escrever seguindo as regras de linguagem cortesã. A despeito da liberdade lingüística professada por Ronsard, tudo indica que tinha de compor de algum modo com as exigências da corte.

Mas hoje, porque nossa França não obedece senão a um rei, somos constrangidos, caso queiramos alcançar alguma honra, a falar sua linguagem cortesã; pois de outro modo nosso labor, por mais douto que fosse, seria estimado de pouca valia, ou (talvez) totalmente menosprezada. (1978: 998)^{viii}

Embora simpático à linguagem dos dialetos, Ronsard mostra-se cauteloso. A linguagem dialetal deve ter um empréstimo relativo que não viole inteiramente os hábitos da linguagem cortesã.

Esse cuidado com a linguagem se deve à lógica de prestígio muito cultivada na sociedade cortesã do século XVII, cujas formas já eram ativas, mas não inteiramente hegemônicas na época de Ronsard. Conforme Norbert Elias, em sua obra **La Société de Cour** (1974), a sociedade da corte era uma elite que prezava o uso da etiqueta e de uma linguagem apropriada aos cortesãos. Esses atributos à sociedade da corte propiciavam prestígio e honra, mas eram atributos que apenas os membros da corte possuíam, pois sentiam "a necessidade de se distinguir da nobreza camponesa e desprezada, da nobreza de beca e do povo"^{ix} (1974: 94). Daí a negação e a desvalorização dos dialetos do francês pela nobreza da época. Mesmo assim Ronsard

não se absteve de criar novos termos e emprestá-los de outras línguas e dialetos locais.

Outro ponto da linguagem assinalado por Ronsard é o emprego de nomes gregos e latinos na poesia. Destaca que o uso de nomes gregos e romanos deve preferencialmente ter terminação francesa. Mas alerta que se observe e respeite aos limites impostos pela língua cultivada na corte. Por exemplo, Ronsard adapta e emprega nomes de deidades e de personagens gregas e algumas latinas em seus poemas.

O poeta não deve rejeitar as palavras dos "romanos", embora relegados a um segundo plano, mas a escolha de vocábulos deve ser criteriosa. Essa evidente reverência devotada aos gregos não se encontra somente em sua **Arte Poética**, mas principalmente na poesia de Ronsard, repleta de termos adaptados do grego, de construções sintáticas típicas do grego, de figurações extraídas dos mitos antigos, e, sobretudo, do imaginário amoroso de poetas líricos antigos.

Outro fato lingüístico apontado por Ronsard é o uso de epítetos. Estes devem figurar na poesia de modo bastante genuíno e nunca em demasia, a menos que o poeta queira causar riso pela sátira e pela comédia. Não há valor algum no uso de epítetos redundantes ou que já estejam implícitos na palavra, como "o riacho corrente", "o ramo verde"(1978: 1001). Contudo vê em Virgílio e Horácio modelos importantes de epítetos. Cita, entre vários deles: "O barco vai sobre a onda corrente"(1978: 1001). Entre os poetas gregos, Ronsard elogia Homero, um dos grandes modelos do uso de epítetos, em cuja poesia são bastante abundantes.

8 Versificação, cesura e emprego de versos comuns e alexandrinos

Ronsard também demonstra, em sua **Arte Poética**, preocupação com alguns

aspectos estruturais e lingüísticos da poesia. Esses elementos ele já os cultivara em sua poesia, como o uso dos versos *comuns* (decassílabos) e *alexandrinos*, a rima e o emprego de versos masculinos e femininos, a cesura e a omissão de vogais e de consoantes e o uso de epítetos.

O poeta reforça constantemente o uso e a aceitação dos versos comuns e alexandrinos no francês. Os versos comuns (os decassílabos) são apropriados aos poemas amorosos, ou seja, aos poemas líricos. Os versos alexandrinos são adotados nas histórias cujos os temas são heróicos. No entanto, Ronsard não faz disso uma regra sem exceções. Ressalta a possibilidade de inverter-se o uso desses tipos versos. Nesse sentido, percebe-se na **Poética** de Ronsard maior preocupação ao apresentar preceitos mais flexíveis e adaptáveis às necessidades e exigências da poesia. O poeta almeja muito mais a perfeição poética, mesmo não seguindo normas preceptivas.

Ronsard também adverte que o poeta deve primeiramente escrever versos comuns cuja métrica é mais curta, para depois escrever versos alexandrinos, uma vez que esses são de escritura mais difícil do que aqueles e podem tornar o ritmo prosaico, conforme ele mesmo aponta:

Tu os farás, portanto, os mais perfeitos que possas e não te contentarás (como a grande parte dos do nosso tempo, que pensam, como eu disse, ter realizado não sei o quê de grande, quando rimaram a prosa com verso) [...] os quais não quero particularmente nomear, por serem de nome pequeno, e porque posso ofender os que não fossem incluídos nesse papel.* (1978: 1004)

É necessário cuidado na composição de versos, para que não se tornem prosaicos e nem tenham o ritmo da prosa, pois são longos e, por isso, mais fáceis de assumirem a musicalidade prosaica. Os versos devem ser graves, altivos, com palavras muito bem eleitas e ressonantes e

sempre com rimas ricas. Essa referência ao uso dos versos alexandrinos se faz em preceitos técnicos da poesia, obrigando o poeta a escolher devidamente as palavras que ressoem e rimem segundo o tipo de verso empregado.

9 Omissão de vogais e consoantes e emprego das rimas

No intuito de colaborar com a construção de versos poéticos e não prosaicos, Ronsard enfatiza as omissões de vogais e consoantes. A omissão da vogal e importa muito para a boa textura de um poema. Quando um verso for muito extenso, que não caiba nas sílabas métricas de um decassílabo ou de um alexandrino, a vogal e, bem como as outras consoantes, podem ser omitidas ou engolidas. Contudo, a vogal só pode sofrer essa omissão, ao se encontrar com uma outra vogal ou um outro ditongo. O o e o u também podem ser engolidos se necessário. Sempre que possível, o h do francês também deve ser engolido originando uma união das palavras, somente se não for aspirado. Nesse sentido, não há necessidade de respeito a regras fonéticas que enjaulam a poesia em métricas pouco favoráveis à harmonia e à fluidez dos versos.

A omissão do e em *comme* (*comm'*) com o uso do apóstrofe também é mencionada. Assim também, em versos muito longos, o e no interior das palavras, como em *donnera* pode ser omitido por *don'ra*, *foutera* por *fout'ra* e assim por diante. Entre outros artifícios de linguagem, destaca também o uso do à para substituir a palavra *avecques*, pois evita que um verso fique muito longo. Mas para isso, o poeta deve sempre seguir seu próprio ouvido, para manter o ritmo natural da poesia, que se adquire involuntariamente com um pouco de exercício.

O emprego das rimas é cuidadosamente prescrito por Ronsard. O poeta ressalta que o uso de rimas deve ser

igualmente bem dosado em versos masculinos e femininos. Por versos *masculinos*, entende-se os versos cujas rimas recaem na última sílaba como *monter, douter*; os *femininos* são os versos cujas rimas apresentam-se na penúltima sílaba como *France, esperance*.

Mostra ainda que é possível usar *troupe* ao invés de *trope* (bando), acrescentando o *u*, para tornar maior e mais soante a variedade de rimas. A omissão de consoantes finais em palavras de difícil rima como *or* e *ar* também é importante. Por exemplo, Ronsard cita *or* e *for'* (*fort*), *char* e *far'* (*fard*). A rima, contudo, é algo que na poesia, após certo labor e experiência, vem naturalmente por si só, ao passo que em outros pontos a poesia exige exercício e labor maior.

CONCLUSÃO

A *Arte Poética* de Pierre de Ronsard constitui-se, portanto, um texto preceptivo voltada ao ensino das normas de escrever poesia. Ele sintetiza em sua *Poética* preceitos técnicos referentes à poesia e princípios morais relativos ao poeta. Apresenta considerações válidas e precisas sobre a produção poética como o uso de linguagem, a imitação das obras clássicas como Homero, Horácio, Hesíodo, Safo e Virgílio, o emprego de epítetos, as omissões de letras finais e intermediárias e a valorização de outros dialetos franceses.

Também prioriza o bom caráter que o poeta deve ter ao produzir poesia. Para Ronsard, não há como o poeta estudar poesia e muito menos escrevê-la, se não forem contempladas a dimensão ética, os conceitos elevados e grandiosos, se não forem cultivados os antigos e bons poetas, se o próprio poeta não for temente a Deus e não respeitar às Musas e aos poetas "inventores" da poesia. Essa preocupação de Ronsard é justificável, uma vez que o poeta considera que a poesia surge do divino.

Outro ponto curioso é que a *Arte Poética* de Ronsard é um texto proveniente tanto de sua experiência como de sua observação poéticas. Ele considera-se um poeta experiente e apto a ensinar poesia. Ronsard também se coloca como intermediador da escritura poética e de outras artes poéticas e, desse modo, assimila e condensa inúmeros preceitos válidos à produção da arte de poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução por Roberto de Oliveira Brandão; tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 2a. ed. São Paulo: Cultrix: 1985.

CARPEAUX, Otto Maria. *A Renascença Internacional. História da Literatura Ocidental*. Vol. I-A. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1961.

ELIAS, Norbert. *La Société de Cour*. Traduit de l'allemand par Pierre Kamnitzer. Paris: Calman-Lévy, 1974.

LAUMONIER, Paul. *Ronsard Poète Lyrique*. Étude Historique et Littéraire. Paris: Hachette, 1909.

RONSARD, Pierre de. *Œuvres Complètes*. Bibliothèque de La Pléiade, no. 45. Vol. I et II. Bourges: Gallimard, 1978.

_____. *Abbrégé de L'Art Poétique Francois*. *Œuvres Complètes*. Bibliothèque de La Pléiade, no. 45. Vol. II. Bourges: Gallimard, 1978.

NOTAS

^① Aluno do 8º. semestre do curso de Letras – Português/Francês/Literaturas da UFSM; bolsista PIBIC/CNPq. Esse trabalho integra o projeto "A tradução Literária e a Interpretação: um Estudo Teórico e Prático da Tradução", coordenado pelo Professor Dr. Lawrence Flores Pereira.

¹As traduções atuais, de caráter provisório, foram feitas por Carlos Roberto Ludwig e Lawrence Flores Pereira. "Combien que l'art de Poésie ne se puisse par preceptes comprendre ny enseigner, pour estre plus mental que traditif, toutesfois d'autant que l'artifice humain, experience et labeur le peuvent permettre, j'ay bien voulu t'en donner quelques reigles, afin qu'un jour tu puisses estre des premiers en la connoissance d'un si agreable mestier, à

l'exemple de moy, qui confesse y estre assez passablement enseigné."

ⁱⁱ Resta saber de qual significado estão investidas essas menções às divindades pagãs no contexto do mundo cristão de Ronsard. Seu significado comporta um componente certamente metafórico, mas que não descarta certa atitude favorável ao imaginário pagão. Sobre a adaptação das figurações pagãs na literatura francesa, Cf. FUMAROLI, Marc. Entre Athènes et Cnossos: les dieux païens dans Phèdre. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, 1993.

ⁱⁱⁱ L'invention n'est autre chose que le bon naturel d'une imagination concevant les idées et formes de toutes choses qui se peuvent imaginer, tant celestes que terrestres, animées ou inanimées, pour apres les représenter, descrire et imiter; car, tout ainsi que le but de l'orateur est de persuader, ainsi celui du poète est d'imiter, inventer et représenter les choses que sont, ou qui peuvent estre, vraisemblables.

^{iv} Tout ainsi que l'invention despend d'une gentille nature d'esprit, ainsi la disposition despend de la belle invention, laquelle consiste en une elegante et parfaicte collocation et ordre des choses inventées, et ne permet que ce qui appartient à un lieu soit mit en l'autre, mais se gouvernant par artifice, estude e labeur, ajance et ordonne dextrement tout choses à son poinct.

^v Car tout ainsi qu'on ne peut dire un corps humain beau, plaisant, et accomply, s'il n'est composé de sang, venes, arteres et tendons, et sur tout d'une nayve couleur, ainsi la Poésie ne peut estre plaisante, vive ne parfaite sans belles inventions, descriptions, comparaisons, qui sont les ners et la vie du livre, qui veut forcer les siecles pour demourer de toute memoire victorieux du temps.

^{vi} Elocution n'est autre chose qu'une propriété et splendeur de paroles bien choisies et ornées de graves et courtes sentences qui font reluyre les vers comme les pierres precieuses bien enchassées les doigts de quelque grand seigneur. Soubs l'Elocution se comprend l'election des paroles, que Virgile et Horace ont si curieusement observée.

^{vii} Quanto ao léxico da poesia de Ronsard, cf. RONSARD, Pierre de. *Lexique de Ronsard*. Précédé d'une étude sur son vocabulaire, son orthographe et sa syntaxe par L. Mellerio; et d'une préf. par M. Petit de Julleville. Paris: Plon, 1895.

^{viii} Mais aujourd'hui, pource que nostre France n'obeist qu'à un seul Roy, sommes contraints, si nous voulons parvenir à quelque honneur, parler son langage courtizan; autrement nostre labeur, tant docte qu'il soit, seroit estimé peu de chose, ou (peut-estre) totalement mesprisé.

^{ix} la nécessité de se distinguer de la noblesse campagnarde méprisée, de la noblesse de robe e du peuple.

^x Tu les feras donc les plus parfaits que tu pourras, et ne te contenteras point (comme la plus grande part de ceux de nostre temps, qui pensent, comme j'ay

dit, avoir accomply je ne sçais quoy de grand, quand ils ont rymé la prose en vers) [...] lesquels je ne veux particulièrement nommer, pour estre en petit nombre, et de peur d'offencer ceux qui ne seroient couchez en ce papier;